

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Professor Doutor Carlos Manuel Francisco

7 de Maio de 2012

AGRADECIMENTOS

De uma forma geral, agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização do meu estágio.

A família merece sempre um lugar de destaque pela paciência, compreensão e encorajamento. Por isso, agradeço à minha mãe, ao Tomé e ao meu irmão todo o apoio prestado.

Agradeço à Aninha e ao André que estiveram sempre comigo, nas horas boas e menos boas que passei na Guarda e que perceberam, tal qual a minha família, as minhas alegrias, medos e angústias.

Agradeço à Escola Básica do Bairro do Pinheiro, principalmente à professora Aurora pela ajuda e atenção prestada, e às crianças que me integraram muito bem na sua turma.

Por último, agradeço aos professores do curso de mestrado, em particular à minha supervisora e ao meu orientador pelos esclarecimentos de dúvidas e chamadas de atenção, que me fizeram crescer e tornar-me uma melhor profissional de educação.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma revisão das teorias sobre o desenvolvimento de Piaget e Erikson e alguns seguidores, como Vygotsky e Wallon, correlacionando-as com a afetividade e a influência na aprendizagem. O processo de ensino e aprendizagem não faz distinção entre corpo (organismo) e a mente (cognição) e, deste modo, o desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças ocorre em simultâneo.

As várias teorias conferem à afetividade um insubstituível valor para o desenvolvimento psíquico humano. Os vínculos afetivos estabelecem-se desde a infância e influenciam a construção da personalidade das crianças. Estes vínculos emocionais propiciam, às crianças, ferramentas necessárias à aquisição da aprendizagem e a sua acomodação.

Palavras-chave: Afetividade; Ensino e aprendizagem; Interação; Relação professor-aluno.

GLOSSÁRIO

Afeto (Afetividade) – carinho; amizade.

Aprendizagem – aquisição de conhecimentos através de experiência ou ensino.

Ensino – transmissão de conhecimentos e competências.

Interação – ato de intervenção recíproca; troca de informação.

Relação (professor-aluno) – ligação entre pessoas (afetiva, profissional, ...);
pessoas com quem se mantém uma amizade.

(Dicionário da Língua Portuguesa)

ÍNDICE

ÍNDICE DE FIGURAS	6
ÍNDICE DE TABELAS	6
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	6
INTRODUÇÃO	7
1º CAPÍTULO	8
1. CARATERIZAÇÕES.....	9
1.1. Breve caraterização da Guarda.....	9
1.2. Caraterização do meio – Bairro do Pinheiro.....	10
1.3. Caraterização socioeconómica.....	10
1.4. Caraterização da Escola	11
1.5. Caraterização da Sala	12
1.6. Caraterização do grupo – Turma BP1/2: 1º e 2º anos.....	16
2º CAPÍTULO	22
3º CAPÍTULO	32
3. A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	33
3.1. A escolha do tema	33
3.2. Introdução.....	34
3.3. Revisão da literatura.....	34
3.4. Metodologia	44
CONCLUSÃO.....	47
BIBLIOGRAFIA.....	50
WEBGRAFIA	54
ANEXOS.....	55

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Imagens da cidade da Guarda.....	8
Figura 2 - Distrito da Guarda.....	8
Figura 3 – Brasão da Junta de Freguesia da São Vicente.....	9
Figura 4 – Escola Básica do bairro do Pinheiro.....	11

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Número total de alunos.....	15
Tabela 2 – Distribuição das crianças pelos dois anos de escolaridade.....	15
Tabela 3 – Dados das crianças da turma BP1/2.....	17

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número total de alunos.....	15
Gráfico 2 – Distribuição das crianças pelos dois anos de escolaridade.....	16
Gráfico 3 – Distribuição das crianças pelos dois anos de escolaridade.....	16
Gráfico 4 – Número de irmãos	19
Gráfico 5 – Distribuição das habilitações literárias dos pais das crianças	19
Gráfico 6 - Distribuição das habilitações literárias das mães das crianças	20

INTRODUÇÃO

No âmbito da conclusão da prática pedagógica foi-me proposto elaborar um relatório final de estágio, onde desenvolvesse uma temática que considere relevante na área educacional.

Este relatório, em conjunto com o dossier de estágio, surge como o suporte teórico da prática pedagógica, pois só através da experiência nos podemos tornar bons professores, uma vez que a formação académica por si só não chega. A formação teórica necessita de ser aliada à formação prática, para um bom desempenho na prática letiva. O relatório de estágio tem como objetivo dar a conhecer o local onde realizei o estágio, a Escola Básica do Bairro do Pinheiro e a turma do 1º e 2º anos, o contexto legal da realização do mesmo, assim como o desenvolvimento do tema “A influência da relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem”. Esta temática foi escolhida por mim e apresentada ao meu professor orientador. A meu ver, creio que é fundamental a reflexão do docente sobre esta questão. Assim, a partir de alguns estudos realizados por vários autores, tais como Piaget (1974), Vigotsky (1993), Erikson (1971) e Wallon (1968) desenvolvi um trabalho de investigação com o objetivo de demonstrar como os fatores afetivos se apresentam na relação professor-aluno e a sua influência no processo de ensino e aprendizagem.

Deste modo, este relatório está repartido em três capítulos: o primeiro, em que faço referência à instituição e à turma onde efetuei o estágio; o segundo capítulo, onde menciono algumas leis e decretos-lei e em que, *à posteriori*, teço uma apreciação crítica tendo em conta o contexto legal do estágio e uma macro reflexão sobre a prática pedagógica; no terceiro capítulo desenvolvo o tema: “A influência da relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem” e, finalmente, na conclusão faço algumas considerações finais sobre a realização do estágio, relacionando-o com o tema de investigação.

1º CAPÍTULO

Educação, Comunicação e Desporto (ESECD), Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG), Escola Superior de Enfermagem (ESE), criados com o objetivo de fixar a população da região.

1.2. Caracterização do meio – Bairro do Pinheiro



Figura 3 – Brasão da junta de freguesia de S. Vicente.

O aumento populacional que se verificou nos últimos anos fez surgir vários bairros à volta da cidade. O Bairro do Pinheiro é um desses bairros novos e pertence à freguesia de São Vicente. É, essencialmente, um bairro dormitório. As pessoas saem de manhã para os seus trabalhos, que de uma maneira geral são na cidade da Guarda, permanecendo por lá todo o dia. Possui um Centro de Cultura e

Recreio virado para a prática desportiva, visando as suas atividades mais os jovens e adultos do que as crianças em idade escolar. Existe um parque infantil junto a prédios de renda social construídos pela Câmara Municipal. Há um Jardim de Infância pertencente à rede pública do Ministério da Educação e uma Escola Básica, onde se encontram matriculadas 48 crianças. Possui alguns estabelecimentos comerciais. No largo onde se situa a escola existe um jardim público.

Nos últimos anos funciona na comunidade do Bairro do Pinheiro um serviço de A.T.L. (Atividades de Tempos Livres) criado através de um Projeto Educativo elaborado pela Escola Básica, com a finalidade de evitar que as crianças ficassem entregues a si próprias durante todo o dia.

1.3. Caracterização socioeconómica

A população dedicou-se desde sempre à agricultura e à pastorícia e, conseqüentemente, às indústrias têxtil e de laticínios que cedo se implantaram na cidade.

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

No meio rural envolvente o peso da agricultura para autoconsumo é ainda considerável, não tendo por isso o rendimento familiar sido capaz de responder às necessidades económicas, o que obrigou muitas famílias a emigrar.

A implantação na cidade de novas unidades industriais e de grandes superfícies comerciais veio aumentar a percentagem de população no setor secundário bem como no terciário.

Muitos dos habitantes do Bairro do Pinheiro são funcionários públicos, outros trabalham em fábricas ou comércio. Existem ainda pessoas que se dedicam à agricultura como complemento à atividade principal.

A população deste bairro pertence a grupos sociais diversificados.

1.4. Caracterização da Escola

“A Escola surge assim, como um nível privilegiado de troca de saberes e experiências entre os seus agentes, promovendo o enriquecimento de conhecimentos.”

(Raposo, 2004)

A Escola Básica do Bairro do Pinheiro na cidade da Guarda é do tipo Plano Centenário Rural 3. É constituída por duas salas gémeas com área de 79,56 m² cada.

Cada sala tem um átrio de 12,62m², vestuário e arrecadação com 18,81m² e duas casas de banho. Exteriormente, possui dois pequenos cobertos e uma casa para arrumação. Possui um pátio exterior murado mas sem vedação. A área envolvente é ampla e nela estão plantadas várias árvores.

A nível de material tem o comum à generalidade das escolas: mesas, cadeiras, armários, dois computadores em cada sala, uma impressora multifunções, uma fotocopiadora, telefone, alguns livros e alguns jogos infantis.

Tem 48 alunos matriculados, do 1º ao 4º ano de escolaridade, distribuídos por 3 turmas, com idades compreendidas entre os 5 e os 11 anos, quase todos sem qualquer repetição. Três dos alunos têm deficiência auditiva e uma aluna está abrangida pelo Decreto-Lei nº 3/2008. Por anos de escolaridade, os alunos

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

estão assim distribuídos: 1º Ano: 8 alunos; 2º Ano: 12 alunos; 3º Ano: 12 alunos; 4º Ano: 16 alunos

Como é uma escola de acolhimento e de referência para a educação bilingue de alunos surdos, recebe alunos de Galegos e Pinhel (alunos com deficiência auditiva). Os restantes alunos residem no bairro ou em bairros próximos.

As famílias são de estrutura tradicional, com 1 ou 2 descendentes, na generalidade, com exceção de 3 famílias que têm 3/4 filhos.

O nível de escolaridade dos pais/encarregados de educação varia do 4º ano ao ensino superior.

Depois das atividades curriculares, os alunos frequentam atividades de enriquecimento curricular (Apoio ao Estudo, Inglês, Educação Musical, Atividade Física/Desportiva, Atividades Lúdico-Expressivas). A maior parte deles está inscrito no ATL/CAF (Atividades de Tempos Livres/Componente de Apoio à Família).



Figura 4 – Escola Básica do Bairro do Pinheiro.

1.5. Caracterização da Sala

A sala de aulas é espaçosa e tem bastante luminosidade, pois possui três janelas muito grandes que permitem uma boa iluminação solar.

Na sala de aula existem dois quadros de ardósia e um quadro de cortiça, para expor trabalhos.

Na sala onde estaguei, a turma tem o seguinte horário letivo*:

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

Horas	2ªFeira	3ªFeira	4ªFeira	5ªFeira	6ªFeira
9h – 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio	Língua Portuguesa	Matemática
10h – 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Matemática
11h – 12h	Matemática	Estudo do Meio	Língua Portuguesa	Estudo do Meio	Língua Portuguesa
A	L	M	O	Ç	O
14h – 15h	Estudo do Meio	Língua Portuguesa	Matemática	Matemática	Estudo do Meio
15h – 16h	Expressão Plástica	Expressão Musical	Expressão FM/Dança	Expressão Dramática / Teatro	Expressão/ ACND**

** ACND – Áreas curriculares não disciplinares: **EA** (Estudo Acompanhado), **FC** (Formação Cívica) e **AP** (Área de Projeto)

- **TIC** (Tecnologias da Informação e Comunicação) e **Educação para a Cidadania** – Transversalmente e numa das horas de expressões, à 6ª feira de tarde.

PNL (Plano Nacional de Leitura) – Nos momentos de leitura, a cada dia e em dias oportunamente marcados.

* Este Horário é meramente orientativo da distribuição horária da componente letiva (8H de Língua Portuguesa, 7H de Matemática, 5 H de Estudo do Meio e 5H das Áreas de Expressão) considerando:

- A especificidade e heterogeneidade da turma, constituída por alunos de dois anos de escolaridade, o primeiro e o segundo do 1º CEB;

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

- A inserção de outras atividades consideradas de interesse pedagógico (ex: Natação, visitas de estudo, ações de sensibilização, realização de provas de aferição, comemoração de dias festivos, etc.);
- A programação diária e situações pontuais (estágios);
- A inclusão de Intervalos: 20 minutos a meio da manhã (10h10m – 10h30m) e 10 minutos a meio da tarde (15h às 15h10m - lanche).

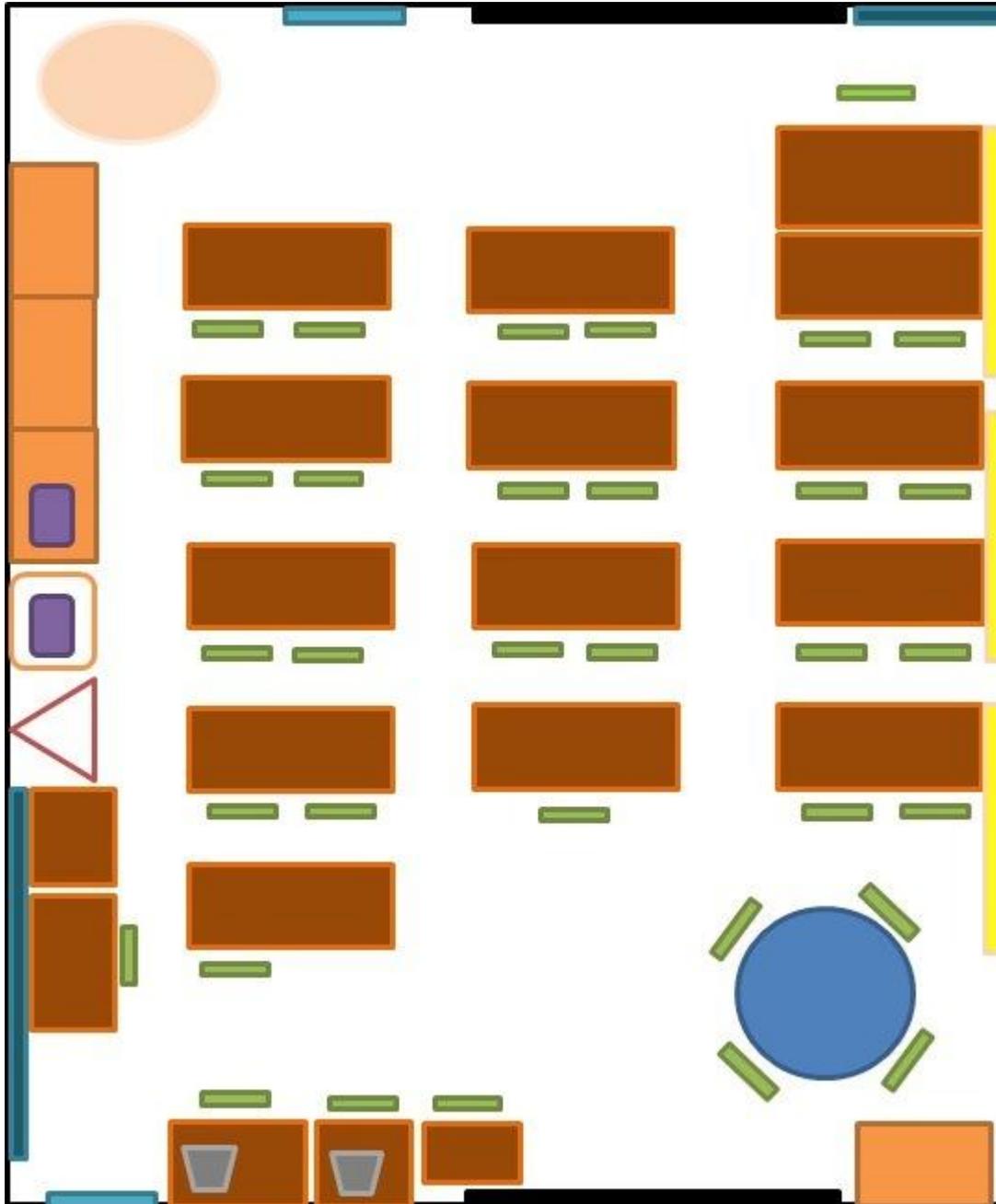
Recursos disponíveis na sala de aula

Na escola Moderna a criança deixa de ser um ser passivo, para passar a ser o centro do processo de ensino e aprendizagem, construindo o seu próprio saber, como preconiza Maria Montessori (1943). Este saber é adquirido através de aprendizagens ativas, isto é aprender fazendo, conforme sugere o programa do 1ºCEB (1º Ciclo do Ensino Básico). O aluno “Deverá encontrar resposta à sua necessidade de exploração, experimentação e manipulação.”. (Programa do 1ºCEB, 2004:35)

Por conseguinte, na sala de aulas existe:

- Material de ciências experimentais;
- Mapa de Portugal;
- Ábacos;
- Jogos educativos (vários);
- Livros (histórias/investigação/consulta);
- Réguas de plástico;
- Televisão;
- Vídeo; DVD;
- Máquina fotográfica;
- Computadores;
- Impressora multifunções;
- Teatro desmontável e fantoches;
- Calculador multibásico;
- Cubos barra-de-cor;
- Conjuntos lógicos;
- Geoplanos;
- Tangrans;
- MAB (material multibásico);
- Colares de contas;
- Jogos / puzzles.

Planta da sala



Legenda:

-  Mesas
-  Cadeiras
-  Janelas
-  Quadros de ardósia
-  Quadros de cortiça
-  Computadores
-  Televisão e microondas
-  Portas
-  Teatro desmontável e fantoches
-  Armários
-  Salamandra de aquecimento

1.6. Caraterização do grupo – Turma BP1/2: 1º e 2º anos

A turma é constituída por 21 crianças, com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos, distribuídas da seguinte forma:

Número total de alunos	
Meninos	7
Meninas	12
TOTAL	21

Tabela 1 – Número total de alunos

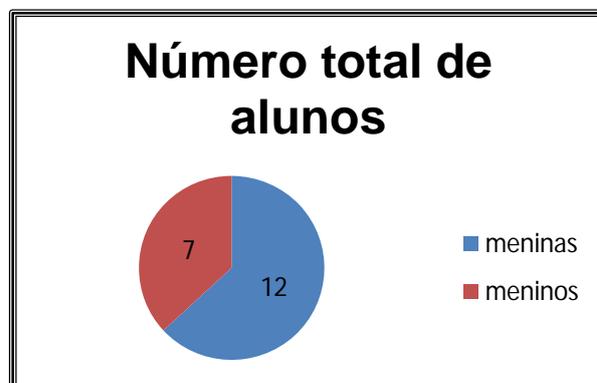


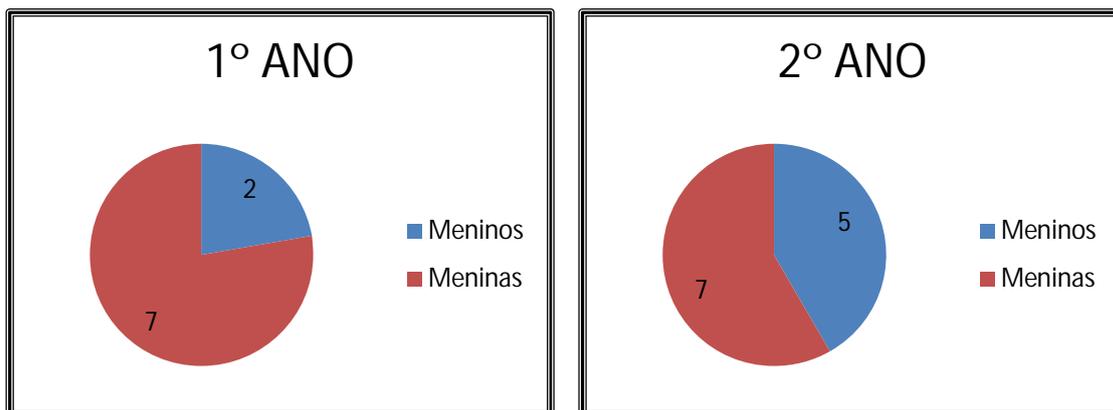
Gráfico 1 – Número total de alunos.

É uma turma heterogénea, com doze raparigas e sete rapazes, distribuídos por dois anos de escolaridade (1º e 2º ano).

Distribuição das crianças pelos dois anos de escolaridade			
Ano de escolaridade	Nº de crianças	Masculino	Feminino
1º ANO	9	2	7
2º ANO	12	5	7
Total	21	7	14

Tabela 2 – Distribuição das crianças pelos dois anos de escolaridade.

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico



Gráficos 2 e 3 - Distribuição das crianças pelos dois anos de escolaridade.

1º Ano

São sete meninas e dois meninos com 5/6 anos de idade, que formam um grupo muito heterogéneo, quer no ritmo de aprendizagens, quer nas vivências socioculturais. Frequentaram o Jardim de Infância do Bairro do Pinheiro/ Póvoa do Mileu durante 3 anos. Com 5 anos até Dezembro de 2010, havia 3 meninas.

Algumas meninas do 1º ano, ainda com alguma imaturidade, revelavam alguma dificuldade de concentração e atenção, participando pouco nos respetivos grupos, facto que foi melhorando com a continuidade das atividades.

2º Ano

São doze alunos, sete meninas e cinco meninos com 6/8 anos de idade, que formam um grupo muito heterogéneo, quer no ritmo de aprendizagens, quer nos comportamentos, quer nas vivências socioculturais. Um dos meninos chegou do Brasil, país natal, em fevereiro, para se juntar à mãe, que já estava na Guarda de há 1 ano para cá.

As boas relações entre a docente e os alunos favorecem o estabelecimento de laços de amizade e à-vontade, bem como a satisfação pela partilha de vivências e desafios. Todos os alunos revelam interesse e são muito empenhados. Quase todos são muito conversadores com os colegas, o que os

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

distrai um pouco. Falarei um pouco mais apenas de alguns deles, por considerar importante a relação entre a sua caracterização e o desenvolvimento das atividades escolares.

O M, o S, o J e o N do 2º ano, são alunos muito interessados e participativos. Os 3 últimos são também muito impulsivos, querendo ser sempre os primeiros a responder e/ou a executar as tarefas. Têm alguma dificuldade no cumprimento de regras, pelo que necessitam de controlo constante da docente e por vezes provocaram alguns momentos de uma certa tensão. Estes e outros problemas procurei solucionar, com a pedagogia necessária, enfatizando sempre a importância da socialização, da criação de laços de amizade e das vivências em grupo, especialmente nesta turma tão heterogénea.

Dados das crianças da turma BP1/2					
Aluno	Nº irmãos	Profissão do pai	Profissão da mãe	Habilitações do pai	Habilitações da mãe
J P	2	Vendedor	Assistente Operacional	12º	12º
R	0	Construtor civil	Operária têxtil	5º Ano	9º Ano
M R	1	----	----	6º	12º
D	1	----	----	12º	11º
M M	1	Advogado	Advogada	Licenciatura	Licenciatura
V		Médico	Designer	Licenciatura	Bacharelato
J	1	Operário fabril	Assistente ação médica	9º	12º
H	2	Engenheiro civil	Escriturária	Bacharelato	Bacharelato

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

M	1	Lenhador	Empregada de balcão	----	9º Ano
C	1	Lenhador	Empregada de balcão	----	9º Ano
I	1	PSP	Cabeleireira	11º Ano	9º Ano
J N	---	Sócio gerente de empresa	Professora de informática	Licenciatura	Licenciatura
L S	2	Engenheiro civil	Escriturária	Bacharelato	Bacharelato
L P	1	Professor	Professora	Licenciatura	Licenciatura
M T	--	Empresário comercial	Funcionária de loja	12º	12º
M	1	Operária fabril	Desempregada	9º	12º
N	3	Desempregado	Empregada de mesa	8º	9º
N	---	PSP	Guarda prisional	12º	12º
S	1	Desenhador - Câmara	Funcionária na PJ	12º	Licenciatura
S	1	Empregado balcão - café	Empregada caixa - supermercado	9º	6º
K	---	Vendedor de telefones	Esteticista	----	----

Tabela 3 – Dados das crianças da turma BP1/2

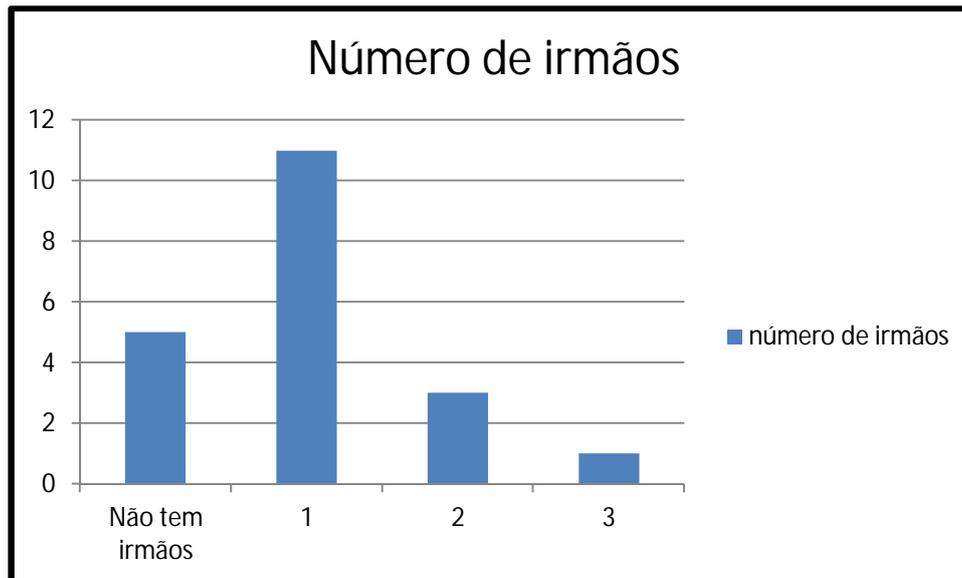


Gráfico 4 - Número de irmãos.

De acordo com o gráfico, a maioria das crianças desta turma tem só um irmão. Apenas cinco crianças tem dois ou mais irmãos, existindo ainda cinco crianças filhas únicas.

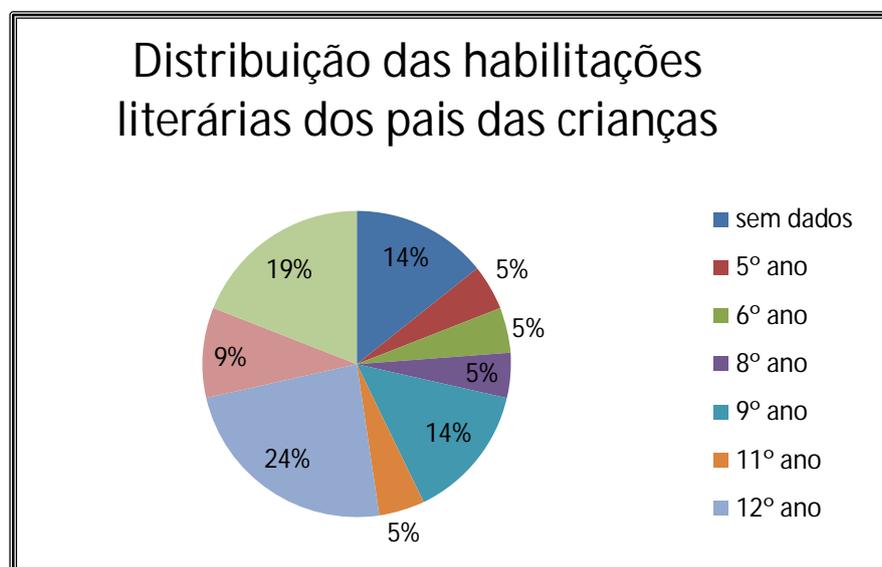


Gráfico 5 – Distribuição das habilitações literárias dos pais das crianças.

Da análise ao gráfico, sobre a distribuição das habilitações literárias dos pais das crianças, posso referir que a maioria dos pais tem o 12º ano de

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

escolaridade, sendo que também apresenta uma percentagem considerável o grupo de pais com licenciatura.

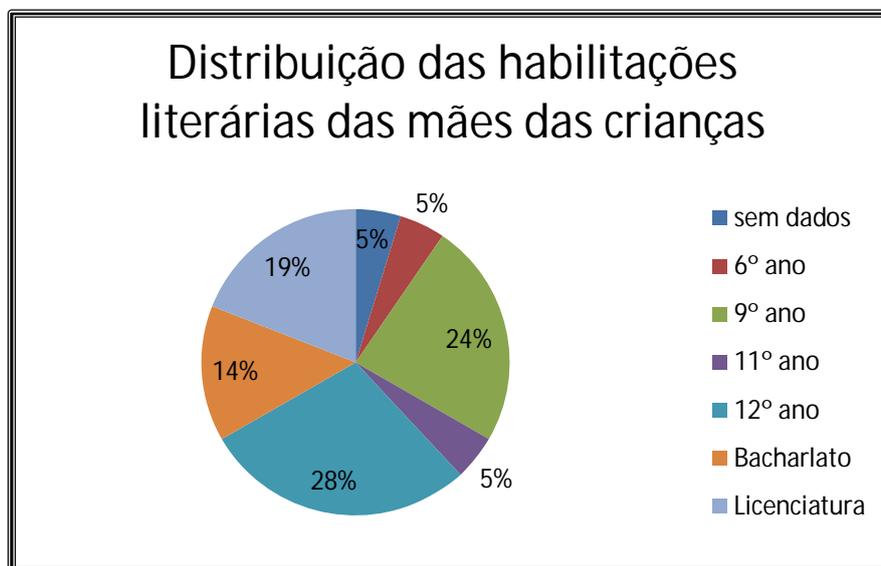


Gráfico 6 – Distribuição das habilitações literárias das mães das crianças.

Em relação às mães, o nível literário é mais elevado do que nos pais, isto é, a grande maioria possui o 12ºano de escolaridade. Salienta-se ainda a grande percentagem de mães com a escolaridade obrigatória (9ºano), mas também a relevante percentagem de mães com licenciatura e bacharelato.

Estas características por vezes influenciam a aprendizagem das crianças, pois se tiverem alguém que em casa as apoie nos estudos, a sua aprendizagem será facilitada, rumo ao sucesso escolar.

2º CAPÍTULO

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

A formação de professores, nos diversos locais de ensino superior, Universidades e Politécnicos, tem por base legal a Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei nº 49/2005 de 30 de agosto. O Decreto-Lei 15/2007 de 19 de janeiro, vem regulamentar a Lei de Bases do Sistema Educativo, onde é abordada a parte teórica através da prática letiva em sala de aulas e execução de trabalhos correspondentes com a matéria considerada. A verificação da aprendizagem (avaliação) é efetuada através frequências e exames. No final existe um módulo de aplicação da parte teórica, denominado prática pedagógica ou estágio. O estágio é uma oportunidade de aplicar a teoria aprendida em sala de aula à prática do quotidiano na vida profissional. Este é efetuado em locais de trabalho futuro, onde se aplica a parte teórica apreendida anteriormente, a fim de transmitir conhecimentos aos alunos. Estes são os objetivos finais da formação de professores/educadores.

No Decreto-Lei n.º 15/2007 é apresentado o estatuto da carreira docente. No seu artigo 35º estão descritas as funções do corpo docente, isto é, quais os deveres/ações que um profissional de educação deve desempenhar ao longo da sua lecionação. No anexo 1 - Decreto-Lei 15/2007 de 19 de 3 janeiro, evidencio as ações que considero mais relevantes na prática, não menosprezando todas as outras funções mencionadas neste artigo, também de suma importância numa boa prática letiva.

Já o Decreto-Lei 43/2007 de 22 de fevereiro, em consonância com o Decreto-Lei anterior, define as condições necessárias à obtenção de habilitação profissional para a docência num determinado domínio e, assim, com esta legislação, a habilitação para a docência passa a ser exclusivamente habilitação profissional. Este Decreto-Lei menciona a necessidade de elevação do nível de qualificação do corpo docente com vista a reforçar a qualidade. Neste sentido, no Processo de Bolonha, este nível será agora o de mestrado e não o de licenciatura como anteriormente. No artigo 7º deste Decreto-Lei estão descritos os objetivos da formação dos docentes, sendo que a conclusão dos objetivos propostos, isto é a terminação do curso em si não é a conclusão dos conhecimentos do docente, pois este deve procurar aperfeiçoar-se e alargar o

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

seu leque de saberes sempre que for oportuno. O artigo 7º deste Decreto-Lei encontra-se no anexo 2.

“Na obra *Supervisão da prática pedagógica: uma perspetiva de desenvolvimento e aprendizagem*, Alarcão e Tavares definem supervisão como *“o processo em que um professor, em princípio, mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional”* (1987:18).” (Alarcão, 1996:91) Ou seja a supervisão é um processo de orientação, *“de interajuda, de monitorização, de encorajamento”* (Alarcão, 2000:90) que tem como objetivo principal *“que cada qual dê o seu melhor nas situações problemáticas com que se depara.”* (Alarcão, 2000:90) O supervisor encaminha o estagiário a melhorar e a corrigir os erros cometidos, e isto significa que o professor supervisor ajuda o estagiário a maximizar as suas potencialidades através da análise do dossier de estágio e da sua observação à regência do estagiário (assistência à lecionação). O supervisor tem o papel de aconselhar quer o estagiário, quer o professor orientador, com base nas suas competências e nos seus conhecimentos, pois ele é um observador independente, o que permite uma melhor perceção da regência. *“A supervisão pedagógica focaliza-se na ação educativa desenvolvida pelos formandos na sala de aula e também em atividades não letivas (...) com vista à melhoria das suas atitudes e competências profissionais.”* (Alarcão, 2000:46) No caso deste mestrado as funções do supervisor estão descritas no regulamento da prática de ensino supervisionada dos cursos de mestrado habilitadores para a docência, no artigo 5º em que destaco o ponto 3.1 que passo a citar: *“Coordenar a elaboração e a implementação do plano de formação de cada estagiário, garantindo a iniciação e o desenvolvimento profissional deste no quadro das potencialidade do estabelecimento de ensino cooperante, numa lógica de equidade e de responsabilização;”* e o ponto 3.4. *“Aprofundar os saberes e as competências do estagiário (...)”*. Estes dois pontos parecem-me os aspetos mais relevantes da função do professor supervisor, uma vez que o supervisor é sem sombra de dúvida uma mais-valia para o aluno estagiário.

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

Segundo a autora Flávia Vieira, a supervisão define-se *“no contexto da formação de professores, como uma atuação de monitorização sistemática da prática pedagógica, sobretudo através de procedimentos de reflexão e de experimentação.”* (Vieira, 1993:28). Este processo de supervisão tem como *“objetivo final a sua orientação, avaliação e certificação profissional.”* (Alarcão, 2000:46)

“Tal como os alunos, os professores são seres em desenvolvimento” (Alarcão, 1996:80) e, por este motivo, *“também o supervisor se desenvolve”* pois *“aprende ensinando”* (Alarcão, 1996:91).

Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo, os objetivos propostos para o Ensino Superior são os mencionados no anexo 3 – Lei de Bases do Sistema Educativo, artigo 11º. Neste sentido, os alunos devem ser incentivados pelos vários professores, a efetuarem um constante aperfeiçoamento dos conteúdos lecionados nas aulas para uma consolidação do conhecimento adquirido, numa lógica de aprendizagem ao longo da vida.

No ensino politécnico, os cursos devem ser estruturados de modo a que os alunos sejam estimulados a desenvolver pesquisas para que se sintam mais conhecedores das várias teorias, quer referentes às crianças, quer às práticas letivas. Estas pesquisas conduzem a várias reflexões próprias (observações críticas) e a um maior aprofundamento dos conhecimentos científicos adquiridos. Finda a pesquisa e análise dos conteúdos, o aluno extrai uma conclusão. Ao concluir, o estudante está a sintetizar todos os dados da pesquisa que desenvolveu, após consideração das evidências. Com este trabalho minucioso, por parte do aluno e professores, o processo de ensino e aprendizagem torna-se mais enriquecedor, pois existe uma maior partilha de saberes entre ambos. É essencial que este conhecimento seja bem estruturado e consolidado, pois o estudante irá utilizá-lo na sua futura prática pedagógica, adaptando-o ao grupo de crianças com que estagiará.

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

No anexo 4 - Lei de Bases do Sistema Educativo, artigo 33º são referidos os princípios sobre a formação inicial de educadores e professores. Na base da formação estão “(...) os métodos e as técnicas científicas e pedagógicas de base, bem como a formação pessoal e social adequadas ao exercício da função; (...)”. Estes métodos e técnicas científicas e pedagógicas são perspetivas teóricas sobre vários modos de atitudes a ter e de atuação na prática pedagógica que são lecionados ao longo dos anos de formação inicial. Concluída esta etapa formativa, o novo profissional de educação deve continuar a alargar os seus horizontes através da formação contínua, mencionada na alínea b) do artigo 33º da LBSE (Lei de Bases do Sistema Educativo). A formação contínua estimula o docente a ter uma atitude crítica e atuante que favoreça e incentive a investigação, ou seja a pesquisa elaborada constitui um processo construtivo em que o docente evolui, pois acrescenta algo mais ao conhecimento adquirido anteriormente. Durante este processo, é fundamental que o docente faça uma crítica, expondo a sua maneira de interpretação dos factos e, no caso de a investigação ser colocada em prática, refletir sobre o que correu melhor e pior e como, futuramente, poderá melhorar a sua prática letiva.

Após a leitura de um artigo intitulado “Conceções orientadoras do processo de aprendizagem do ensino nos estágios pedagógicos” e a análise da LBSE pude concluir que o estágio é realizado segundo aspetos referidos no parágrafo anterior e no artigo 33º da LBSE sobre os “Princípios gerais sobre a formação de educadores e professores”. Daí saliento o contato teórico com métodos e técnicas científicas e pedagógicas para o posterior emprego no contexto prático (prática pedagógica) e a aquisição de aspetos relacionados com a formação pessoal e social do indivíduo, adequados ao exercício da função futura.

O estágio pedagógico inicia-se por uma observação das aulas (Lortie, 1975), em que o estagiário aprende através da observação da atuação de um

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

professor cooperante. Este tipo de estágio permite a “aproximação à prática profissional e promove a aquisição de um saber, de saber fazer e de um saber julgar (...)” (Freire, 2001:2)

Com esta prática pedagógica pretende-se formar um professor capaz de lecionar segundo as teorias, mas também as realidades aplicadas na prática, pois existem aspetos teóricos utópicos para serem aplicados à sociedade escolar atual. Desta forma, ao observar um professor cooperante, espera-se que o estagiário seja capaz de pôr em prática tudo aquilo que lhe parece ser o mais adequado, dos conhecimentos adquiridos nas aulas, mas também dos novos conhecimentos observados (professor cooperante). Este processo de fusão dos vários conhecimentos não é uma tarefa fácil, pois o que se aprende está condicionado pelo que já se sabe (Vosniadou, S., & Brewer, 1987). É ainda de prever que o futuro professor seja capaz de fazer uma autoavaliação do seu trabalho, através de uma prática pedagógica reflexiva, visando o aperfeiçoamento, para colmatar os erros efetuados.

Na sequência da leitura e análise da Lei de Bases do Sistema Educativo e do artigo intitulado “Conceções orientadoras do processo de aprendizagem do ensino nos estágios pedagógicos”, considerei ser também importante a consulta do Decreto-Lei n.º 240/2001 e do Decreto-Lei nº 6/2001, de 18 de Janeiro.

O Decreto-Lei n.º 240/2001 faz uma separação entre as competências a adquirir e a desenvolver pelos docentes. Assim, refere que os profissionais de educação estão habilitados para lecionar após a conclusão do curso, sendo detentores de um diploma que certifica a sua formação profissional específica. Deste modo, o docente adquire várias competências em diferentes domínios no decorrer do curso de formação, competências essas “(...) que se organizam de acordo com as necessidades do respetivo desempenho profissional, e segundo

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

perfis de qualificação para a docência, decorrentes do disposto na referida Lei de Bases.” (Decreto-Lei n.º 240/2001)

Estas competências adquiridas ao longo da formação inicial devem ser complementadas, à posteriori, “(...) *sem prejuízo da indispensabilidade da aprendizagem ao longo da vida para um desempenho profissional consolidado e para a contínua adequação deste aos sucessivos desafios que lhe são colocados.*” (Decreto-Lei n.º 240/2001) Ainda neste Decreto-Lei, em anexo, são mencionadas várias competências a desenvolver, pelo docente, durante a prática letiva: competências referentes aos alunos, como por exemplo: “(...) *o desenvolvimento da autonomia dos alunos e a sua plena inclusão na sociedade, (...)*” (Decreto-Lei n.º 240/2001) ou competências referentes ao modo como se leciona, como por exemplo: “*Desenvolve estratégias pedagógicas diferenciadas, (...)*” (Decreto-Lei n.º 240/2001).

O Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de janeiro, institui “*os princípios orientadores da organização e da gestão curricular do ensino básico, bem como da avaliação das aprendizagens e do processo de desenvolvimento do currículo nacional*”. Neste Decreto-Lei é reorganizado o currículo do ensino básico, para que haja a necessária articulação.

Durante os momentos de estágio, é fundamental “*Planear, organizar e preparar as atividades letivas dirigidas à turma ou grupo de alunos (...)*” (Decreto-Lei n.º 15/2007). e para isso é essencial que conheçamos a turma com a qual vamos trabalhar.

A nossa prática pedagógica foi organizada da seguinte forma: 15 (quinze) regências, uma por semana, com a duração de 5 (cinco) horas cada, o que perfaz um total de 75 (setenta e cinco) horas de presença em sala de aula. Do modo, como a prática pedagógica foi organizada, não houve lugar para a observação dos alunos. O que não me pareceu correto, pois a observação da turma é um processo de extrema relevância que se repercute na prática letiva.

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

“Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades.” (Silva, 1997:25)

No meu caso específico, uma vez que me encontrava desempregada, achei por bem fazer uma semana de observação quer à turma em si, quer aos métodos de ensino da professora cooperante. Deste modo, quando iniciei a minha prática pedagógica, senti menos dificuldades de adaptação à turma, pois já tinha algum conhecimento sobre os seus métodos de trabalho e sabia os nomes de todos os elementos desta comunidade educativa.

Na elaboração das planificações senti várias dificuldades, pois são constituídas por blocos dentro dos quais existem múltiplos conteúdos a serem abordados, com um elevado nível de obrigatoriedade porque o currículo é para ser lecionado na totalidade. O Programa do Ensino Básico é muito extenso e não existe tempo para os docentes descurem o seu cumprimento. Assim, recebi bastante ajuda da professora cooperante, no sentido de melhorar as planificações e a minha própria prática letiva.

Embora considere ter à-vontade para lecionar este grau de ensino, sendo diferente da minha formação inicial, tornou-se necessário alterar alguns modos de trabalho. Neste sentido, durante as assistências das minhas regências, também fui sempre auxiliada pela professora supervisora.

Ao longo deste meu percurso, senti mais facilidade na elaboração de materiais didático- pedagógicos e objetos de ensino passíveis de manipulação para lecionar certos conteúdos, talvez por ser educadora de infância e na educação pré-escolar este tipo de material ser mais utilizado. Através da exploração de materiais manipuláveis, *“ a criança deverá encontrar resposta à sua necessidade de exploração, experimentação e manipulação.”*, (Organização Curricular e Programas 1ºCiclo do Ensino Básico, 2004:168)

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

“As aprendizagens ativas pressupõem que os alunos tenham a oportunidade de viver situações estimulantes de trabalho escolar que vão da atividade física e da manipulação dos objetos e meios didáticos, à descoberta permanente de novos percursos e de outros saberes.” (Organização Curricular e Programas 1ºCiclo do Ensino Básico, 2004:23)

Estes materiais de suporte/ajuda a aquisição de vários conteúdos eram pensados e elaborados por mim. A componente prática dos cursos e a nossa própria parte criativa deve ser posta em prática para que as crianças aprendam, mas também se divirtam ao mesmo tempo que adquirem novos conhecimentos.

Devido à pouca experiência profissional que possuo (récem-licenciada) iniciei o estágio no 1ºCEB um pouco amedrontada, pois não sabia como intervir na instituição e também como é que a comunidade educativa iria reagir à minha chegada. Como as crianças da turma EBP1/2, a professora cooperante e toda a comunidade educativa me receberam de “braços abertos” e prontos para me ajudarem no que pudessem, a minha integração na instituição correu muito bem. Para que a minha integração na turma fosse coerente e existisse um fio condutor entre mim e a professora cooperante foi necessário que nos reuníssemos (eu e a professora cooperante) semanalmente, normalmente no final de uma regência par que ela me informa-se dos conteúdos a abordar na(s) próxima(s) regência(s). Assim partindo as informações/conteúdos fornecidos pela professora cooperante elaborava as planificações, que a princípio eram complicadas de executar, os materiais pedagógico - didáticos que creio serem de extrema importância para a aquisição dos novos conteúdos programáticos e um guião de aula, para que me pudesse orientar melhor, com a prática tanto as planificações como a minha orientação da aula foram melhorando gradualmente.

Este estágio profissional ajudou-me a desenvolver quer a nível pessoal quer a nível profissional. A realidade no pré-escolar embora parecida com o 1ºCEB difere em alguns aspectos, tais como no currículo que tem de ser cumprido, enquanto no pré-escolar não se tem uma obrigação, mas uma

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

orientação dos objectivos que as crianças têm de atingir. No pré-escolar também existe uma grande movimentação das crianças e um pouco de ruído, o que não acontece no 1ºCEB, onde as crianças estão sentadas e maioritariamente em silêncio. Nas escolas do 1ºCEB a autoridade e permissividade têm de ser bastante diferentes do que no pré-escolar.

Como toda a prática docente é passível de avaliação, como refere o Decreto-Lei nº 15/2007 no artigo 40º *“A avaliação do desempenho do pessoal docente visa a melhoria dos resultados escolares dos alunos e da qualidade das aprendizagens e proporcionar orientações para o desenvolvimento pessoal e profissional no quadro de um sistema de reconhecimento do mérito e da excelência.”*. A avaliação de desempenho do pessoal docente não deve só ser realizada pelos avaliadores e pela comissão de coordenação da avaliação do desempenho, mas também pelo próprio docente em questão. Deste modo qualquer docente deve ter o cuidado de efetuar a avaliação cuidada dos seus alunos, porque avaliar *“implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução.”* (Silva, 1997:27), mas também a sua própria avaliação, fazendo uma reflexão crítica do seu trabalho (diária ou semanal), salientando os pontos fortes e os fracos, para futuramente poder colmatar/melhorar falhas cometidas.

É ainda de salientar que, “no entanto, como é já comum dizer-se, a legislação, por si só não opera mudanças significativas na escola, sendo estas produzidas no contexto organizacional da escola, por ação e interação dos respetivos atores sociais (Canário, 1995:7)”. (Alarcão, 2000:51)

3º CAPÍTULO

3. A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

3.1. A escolha do tema

Este capítulo é subordinado ao tema “A influência da relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem” que me propus a trabalhar, com a finalidade de verificar de que modo a afetividade existente na relação professor-aluno influencia o processo de ensino e aprendizagem.

Para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa comecei por relembrar os meus momentos de estudante, enquanto criança, e as relações de proximidade ou não que tive com os vários professores e os resultados que daí obtive. De seguida revi a minha prática como docente e as relações de afetividade que estabeleci com “as minhas crianças” e pensei: “Será que as crianças beneficiarão desta relação de afetividade?”.

Posteriormente, quando iniciei a observação na prática pedagógica, no 1ºCEB, deparei-me com uma turma extremamente carinhosa para com a professora cooperante e vice-versa, também verifiquei que era uma turma com bons resultados em termos de avaliação sumativa. Pensei então que a afetividade manifestada na relação professor-aluno possa ser expressiva no processo de ensino e aprendizagem. Deste modo procurei autores e estudiosos sobre o mesmo tema que me proponho a pesquisar. Como já referi anteriormente recorri à minha retrospeção quer como aluna quer como docente, à observação realizada na prática pedagógica do 1ºCEB, à internet, à artigos científicos, a obras literárias entre outros meios de informação para a realização deste trabalho de pesquisa.

Após a pesquisa fiz uma seleção dos vários materiais a utilizar, desses documentos elaborei sínteses, comentários críticos e compus o meu estudo, recorrendo primeiro a um índice de conceitos específicos e necessários de serem referidos neste estudo para a sua plena compreensão. Este trabalho de pesquisa baseou-se em estudos pré-existentes de diversos autores e várias

pesquisas e não na concretização / realização prática do tema, o que faz com que seja um trabalho de pesquisa teórico. Deste modo irei elaborar algumas previsões de resultados.

3.2. Introdução

Neste capítulo apresento algumas observações sobre o desenvolvimento e a afetividade humana, sob a perspetiva de diversos autores como Piaget (1974), Erikson (1971), Vygotsky (1993) e Wallon (1968) que realizaram vários estudos e produziram reflexões relevantes no campo da afetividade e as suas implicações para o desenvolvimento humano.

As teorias da afetividade e do desenvolvimento humano mostram-nos que a especificidade de cada ser humano se manifesta na sua individualidade. O ensino, cada vez mais, tenta adaptar-se aos alunos e orientá-los pois são seres individuais e únicos. Ausubel (1980) menciona que cada criança deve ter uma prática pedagógica dirigida em seu proveito, para que seja possível colmatar as falhas que cada uma apresenta. O professor é um elemento fundamental na construção e no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

Esta investigação tem como finalidade averiguar se o afeto existente na relação professor-aluno se repercute no desenvolvimento da criança.

3.3. Revisão da literatura

A educação tem como objetivo primordial a criação de condições que simplifiquem o processo de ensino e aprendizagem, de modo que as crianças se desenvolvam tanto intelectual como emocionalmente.

“Pode definir-se desenvolvimento como um conjunto de transformações que ocorrem ao nível físico e psicológico, desde o nascimento até à morte dos indivíduos. (...) O desenvolvimento corresponde a uma adaptação progressiva às condições e exigências do meio, a um processo de auto-organização. O

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

desenvolvimento é de natureza adaptativa e construtiva.” (Monteiro, 2003:137) Como se constata, o desenvolvimento é um processo complexo, em que intervém uma multiplicidade de componentes: biológicos, motoras, cognitivas, linguísticas, sociais, entre outros. Este processo de desenvolvimento reflete a complexidade do ser humano e assim compreende-se que tenha sido encarado sob diversas perspetivas, por diferentes autores.

Deste modo, o desenvolvimento de um indivíduo caracteriza-se por ser um processo dinâmico e interativo, onde ocorrem mudanças ou transformações, ao longo da vida, quer a nível físico, psíquico, afetivo ou social.

Segundo Piaget (1974), existem quatro estádios de desenvolvimento e a cada estádio corresponde um conjunto de estruturas mentais com características próprias. Sendo a sequência de estádios invariável, não existe possibilidade de ultrapassar nenhum estádio sem a consolidação do estádio anterior. A evolução que ocorre de um estádio para o outro corresponde a uma adaptação progressiva do sujeito ao meio. Assim, Piaget encara a criança como um sujeito ativo na sua aprendizagem, isto é a criança aprende por si, atuando sobre o meio.

“O indivíduo tende a um equilíbrio, que está relacionado a um comportamento adaptativo em relação à natureza, que por sua vez sugere um sujeito de características biológicas inegáveis, as quais são fonte de construção da inteligência. O desenvolvimento é caracterizado por um processo de sucessivas equilibrações. O desenvolvimento psíquico começa quando nascemos e segue até a maturidade, sendo comparável ao crescimento orgânico: com este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio” (Piaget, 1974:13).

Para Piaget (1974), o sujeito é o elemento primordial no processo de construção do seu próprio saber (conhecimento). É ele que através de sucessivas experiências com o meio incorpora novas informações

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

(assimilação) e que à posteriori as acomoda, isto é o sujeito ajusta os esquemas existentes às novas informações e experiências, modificando-as. O autor preconiza que as estruturas se constroem na interação sujeito-meio.

Por sua vez, Erikson (1971) refere que a energia de um indivíduo é orientada para o desenvolvimento psicossocial, valorizando assim a perspetiva psicodinâmica que consiste na interação entre o meio social e a personalidade do sujeito. Para Erikson não existem quatro estádios de desenvolvimento, como em Piaget, mas sim oito idades. Em cada idade existe uma crise ou conflito que se tem de superar. Segundo este psicólogo, não se progride para a idade seguinte sem ultrapassar o conflito da idade anterior, à semelhança do que referia Piaget. A resolução positiva favorável da crise constitui uma aquisição positiva que se manifesta a diferentes níveis: psicológico, emocional e social e esta resolução corresponde a um progresso no processo de desenvolvimento. Esta teoria é uma conceção psicodinâmica visto que considera o ajustamento (experiências positivas) ou desajustamento (experiências negativas) como não sendo situações definitivas, passíveis de ser alteradas pelas fases subsequentes.

Erikson (1971) defende que a personalidade se constrói à medida que a pessoa avança as diferentes idades. Para este autor, a influência do meio social no processo de desenvolvimento tem um valor considerável, visto que o passado sociocultural é tão relevante como os fatores biológicos e individuais, na construção da personalidade do sujeito.

A aprendizagem é uma aquisição de conhecimentos através de experiências ou de ensino. *“Podemos definir aprendizagem como a modificação ou alteração relativamente estável do comportamento ou do conhecimento que resulta da experiência, do exercício, treino ou estudo. É um processo que envolvendo fatores cognitivos, motivacionais e emocionais, se manifesta em comportamentos.”* (Monteiro, 2003:169) A aprendizagem assume várias formas e expressões, distinguindo-se assim vários tipos de comportamento aprendido. Aprendizagem por condicionamento clássico,

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

aprendizagem por condicionamento operante e a aprendizagem social, são alguns exemplos dos vários modelos da aprendizagem. A aprendizagem por condicionamento clássico caracteriza-se por um organismo aprender a responder a um estímulo neutro que antes não produzia essa resposta. A aprendizagem por condicionamento operante ocorre quando o organismo aprende a associar o comportamento com consequências que resultam desse mesmo comportamento. Por fim, a aprendizagem social realiza-se por observação, imitação e modelação.

A aprendizagem é uma modificação no comportamento relativamente permanente que deriva da experiência e não da maturação ou de mudanças físicas e fisiológicas.

Afetividade significa “conjunto de fenómenos psíquicos manifestados sob a forma de emoções ou sentimentos, acompanhados da impressão de prazer ou dor, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagradado, alegria ou tristeza e afeto, o termo que a psicanálise foi buscar na terminologia psicológica alemã, exprime qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral.” (Dicionário Aurélio online)

Os sentimentos e emoções são a exteriorização da afetividade que um ser humano nutre por outro ou por um objeto.

Alguns autores, entre eles Piaget (1974), Vygotsky (1993) e Wallon (1968), realizaram vários estudos sobre o desenvolvimento das crianças, envolvendo paralelamente a afetividade. Alguns estudos na área do desenvolvimento humano têm mostrado como questões afetivas/emocionais e cognitivas influenciam no modo de ensino e aprendizagem. Os vínculos emocionais que se criam desde o nascimento assumem uma grande importância no equilíbrio psicológico e na construção da personalidade da criança e esta afetividade influencia a criança ao nível das inter-relações com os outros e da confiança em si mesmo. A afetividade propicia-lhe, também, as ferramentas necessárias à obtenção da aprendizagem e a sua conservação. O vínculo familiar estabelecido com os filhos na primeira infância é fundamental,

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

visto ser a base dos relacionamentos futuros da criança, quer no convívio familiar, quer no convívio extrafamiliar.

O construtivismo interacionista considera que a afetividade regula as trocas entre o sujeito e o objeto do conhecimento, funcionando como uma fonte de energia intrínseca à acção. Para Piaget (1986), o desenvolvimento intelectual é influenciado pela afetividade.

Vigotsky (1993) fornece uma espécie de elo que falta à teoria piagetiana. A teoria sociocultural de Vigotsky (1993) preconiza que o Homem é um ser social formado dentro de um ambiente cultural, historicamente definido, isto é o desenvolvimento cognitivo acontece através da interação com pessoas e instrumentos. Para este autor, não pode existir uma separação entre os aspetos cognitivos e os aspetos afetivos, pois não são dimensões isoláveis do funcionamento psicológico humano.

“Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento porque uma análise determinista pressupõe descobrir os motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um outro sentido. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afectivo” (Vygotsky, 1993:25).

Para Vigotsky (1993) a aprendizagem pode ocorrer através de jogos, brincadeiras e trabalhos de grupo (entre crianças ou com os professores). Vigotsky diferencia-se de Piaget devido à sua preocupação com situações e materiais de aprendizagem em sala de aula. Já Ausubel (1980) apresentava o mesmo tipo de preocupação, referindo que cada criança deve ter uma prática pedagógica dirigida em seu proveito, para que seja possível colmatar as falhas que cada uma apresenta. Também Ausubel (1980) menciona que as aprendizagens em sala de aula são sempre por descoberta significativa, uma vez que cada criança apresenta os seus próprios *“interesses e necessidades reais (...)*”. (Programa do 1ºCEB, 2004:23)

Wallon (1968) demonstrou nos seus estudos grande interesse pelas implicações da psicologia e da pedagogia na educação. A sua teoria psicogenética destaca o papel primordial da emoção, pois a afetividade (exteriorizada pelas emoções) tem implicações no desenvolvimento do ser humano. Esta teoria menciona três momentos: emoção, sentimento e paixão. Na emoção predomina o acionamento fisiológico, no sentimento a ativação representativa e na paixão a ativação do autocontrole. A exteriorização das emoções (ações) é destacada na análise de Wallon, as situações afetivas são de satisfação porque a afetividade é manifestada através de movimentos expressivos. Mas a tendência *“é que os efeitos da emoção se desvanecem caso não haja reações por parte do meio, ou seja, na ausência de uma ‘plateia’ as crises emocionais tendem a perder sua força, como uma criança que pára de chorar quando percebe que está sozinha.”* (Galvão, 2003:64)

Este autor menciona que as emoções têm um poder de propagação nas interações sociais, isto é, as emoções são o primeiro recurso de interação com o outro. Por este motivo as emoções demonstram o seu carácter coletivo, facilmente identificado nos jogos, uma sintonia afetiva que transmite a todos a mesma emoção.

Wallon (1971) identifica cinco estádios de desenvolvimento humano: impulsivo-emocional (0 a 1 ano), sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos), personalismo (3 a 6 anos), categorial (6 a 11 anos), puberdade e adolescência (11 anos em diante). A afetividade evidencia-se mais nos estágios: personalismo, puberdade e adolescência.

A afetividade tem um papel indispensável no processo de desenvolvimento da personalidade das crianças e pode trazer grandes benefícios para a aprendizagem escolar. Segundo Henri Wallon as famílias têm as seguintes funções: de suporte para que as crianças sejam pessoas emocionalmente equilibradas, capazes de estabelecer vínculos afetivos satisfatórios e de respeito com os outros e se desenvolvam física e

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

intelectualmente sãs. A afetividade e a inteligência estão mutuamente ligadas, pois para Wallon, a evolução de uma provoca alterações na outra e vice-versa. A afetividade, assim como a inteligência, não nascem acabadas nem imutáveis. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento pois, à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas vão-se transformando em cognitivas.

A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem é frequentemente marcada pela afetividade praticada por ambos. O professor necessita de estabelecer uma relação afetiva com as crianças entendendo, porém, que as crianças também têm algo a oferecer. A aprendizagem é construída através destas interações entre a díade professor/aluno.

O processo de ensino e aprendizagem não depende só da personalidade do professor/educador, mas também da forma como ele se relaciona com o carácter individual de cada aluno. Nesta relação professor-aluno não é única e exclusivamente abordado o campo cognitivo das crianças, pois na base desta relação existe a afetividade (campo emocional). Este processo de ensino e aprendizagem caracteriza-se pelos vínculos entre as pessoas, baseando-se sempre na afetividade mútua. Este vínculo afetivo é importante e fundamental para a criança. O docente é um agente de elevado relevo no processo de ensino e aprendizagem, pois *a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem, na época escolar. “Para aprender, necessitam-se duas personagens (ensinante e aprendente¹) e um vínculo que se estabelece entre ambos. (...) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar”* (Fernández, 1991:47-52).

.Na prática docente deve prevalecer a visão humanística, onde a relação professor-aluno seja a base para o desenvolvimento cognitivo e psíquico.

Hoje em dia, é exigido do professor uma maior e mais profunda compreensão dos seus alunos e do seu desenvolvimento escolar, tornado

¹ Termos conservados do original em espanhol, significando, respectivamente, quem ensina e quem aprende

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

assim o campo de ação do docente, cada vez mais amplo em contexto de sala de aula.

Deste modo salienta-se cada vez mais o indispensável vínculo afetivo na interação professor-aluno, pois esta é uma relação que envolve sentimentos/emoções e que deixa marcas para toda a vida.

Vygotsky (1994) preconiza que a construção do conhecimento ocorre a partir do imenso processo de interação entre as pessoas, pois somos seres sociais. Neste sentido, o autor destaca também a importância do outro não só no processo de aquisição do conhecimento, mas também de construção do próprio sujeito e das formas de agir do mesmo.

“Quando um professor é incapaz de manifestar-se amorosamente em relação aos seus alunos, dando-lhes atenção, escutando-os com paciência, dirigindo-lhes uma palavra amiga, pergunto-me se ele os vê!” (Polity, 1988:7)

A existência do amor do professor pelo seu aluno, não deve ser confundida com falta de autoridade, porque esta não é uma relação de imposição e autoridade, mas sim, uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento. De acordo com Polity (1988), *“é necessário que pais educadores compreendam que colocar certas restrições à ação dos alunos, faz com que estes desenvolvam uma relação afetiva segura com o educador e passem a respeitá-lo por esse comportamento. Entende-se que o professor deva sempre, colocar-se como adulto na relação, isto é, favorecer o vínculo afetivo, mas não suprimir os limites, tão necessários para que o aluno cresça dentro de padrões claros e seguros”*. A não explicitação de regras para serem cumpridas, traz ao aluno uma grande liberdade de ações, uma vez que não sabe quais são as fronteiras. Esta não existência de regras pode conduzir e provocar reações negativas ou de resistência e indisciplina, por parte dos alunos.

As crianças necessitam de saber que o professor é o suporte para as suas aprendizagens e torna-se importante referir a posição do professor nesta relação: trata-se de um intermediário e não de um detentor do saber.

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

Baseando-se numa perspetiva teórica e fundamentalmente social, em consonância com os autores Vygotsky e Wallon, defende-se que a afetividade manifestada na relação professor-aluno constitui um elemento indissociável do processo de construção do conhecimento. Além disso, a qualidade da interação pedagógica vai conceder um sentido afetivo para o objeto de conhecimento, a partir das experiências vividas.

Um professor competente planifica as suas aulas de modo atraente para que motive e estimule a participação dos alunos; explica os conteúdos de forma clara, utilizando técnicas e materiais do quotidiano dos alunos.

Para Wallon (citado por Dantas, 1983:20), um professor não pode valer-se do uso e do emprego mecânico das teorias. Tem que haver uma incorporação dessas teorias na prática, criando assim uma aprendizagem significativa. Este tipo de aprendizagens *“relaciona-se com as vivências efetivamente realizadas pelos alunos fora ou dentro da escola e que decorrem da sua história pessoal ou que a ela se ligam”* (Programa do 1ºCEB, 2004:23) Portanto, mais que passar o conteúdo aos alunos, o ideal é envolvê-los na sua realidade, motivando-os e tratando-os com amor incondicional.

“O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.” (Freire, 1996:96)

Abreu e et al (1990:115) afirmam que *“é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada conceção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade”*.

Igualmente Oliveira (1987) referiu sobre este facto *“a interação professor-aluno refletirá alguns valores. Vêm-se os valores reais de um educador pelo tipo de relação que estabelece em classe.”*

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

O amor, confiança, respeito e simpatia nutrido mutuamente, quer pelo docente quer pelo discente, não pode de modo algum condicionar o dever de alto profissionalismo por parte do professor. Esta relação afetiva entre professor / aluno não deve anular a autoridade do professor.

Rangel (1992) esclarece que nesta perspetiva, a relação professor-aluno deve ser de dedicação, de permuta e de companheirismo mútuo. Enfim, não há como se desenvolver qualquer tipo de aprendizagem, num meio envolvente adverso, embora o respeito que a criança deve ter pelo adulto seja única e exclusivamente unilateral.

O respeito unilateral surge da existência de dois sentimentos: afeto e o medo, segundo Piaget citado por Seber (1997), se houver afetividade há possibilidade de colocar em prática o respeito mútuo. Se uma criança nutre só um destes sentimentos pelo adulto não o respeitará, pois necessita de se sentir estimada e também de ter um pouco de medo para que este respeito mútuo possa existir.

A interação entre professor-aluno só ocorre de forma positiva quando há uma relação de confiança e comunicação entre ambos.

Através deste contacto direto com a criança, o professor também transmite proteção e segurança. Quando uma criança se sente atormentada por colegas é essencial que o professor intervenha para que a criança se acalme. Rangel (1992:78) afirma que “ *Se um professor for competente, ele, através do seu compromisso de educar para o conhecimento, contribuirá com a formação da pessoa, podendo inclusive contribuir para a superação de desajustes emocionais.*”

A metodologia utilizada pelo professor é um aspeto marcante para que o processo de ensino e aprendizagem se efetue satisfatoriamente.

Na obra: *Pedagogia do amor*, Chalita (2003) refere que “A interação professor-aluno só é positiva quando a necessidade de ambos é atendida, quando há uma cumplicidade, quando os interlocutores são parceiros de um jogo; o jogo da linguagem, do diálogo, que é algo fundamental. É casar interação com conversação”.

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

O professor é um transmissor de conhecimentos, que atua socialmente, para que as suas crianças, futuros adultos, possam ter uma postura ativa e crítica face à sociedade em que estão inseridos e não fiquem acomodados e passivos aos acontecimentos que os rodeiam.

3.4. Metodologia

Este tema de pesquisa baseou-se na minha reduzida experiência como profissional de educação, em documentos, estudos e pesquisas pré-existentes de múltiplos autores e não na concretização/realização prática do tema, devido ao curto espaço de tempo em que a prática pedagógica se realizou, apenas quinze regências. É passível de se compreender que um estudo desta envergadura não é suscetível de ser realizado num tão curto espaço de tempo.

A problemática deste trabalho de investigação gira em torno da afetividade. Com ele pretendendo verificar se o afeto existente na relação professor-aluno intervém no processo de ensino e aprendizagem das crianças, de modo a que estas obtenham resultados favoráveis ou não nas suas avaliações sumativas.

Objetivos:

- Verificar a importância da relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem;
- Compreender a interação existente entre professor-aluno;
- Descobrir como a afetividade influencia a aprendizagem;
- Apresentar alguns dos trabalhos, feitos por diferentes autores, sobre o tema apresentado.

Para a eventualidade deste trabalho de investigação ser aplicado teríamos então:

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

Amostra: Como sujeitos alvo de estudo temos os alunos e os professores do 1º CEB, isto é, alunos e professores deste o 1ºano até ao 4ºano de escolaridade de várias escolas.

Instrumentos/Procedimentos: Aquando da realização desta investigação o estudioso deve elaborar registos das observações em contexto de sala de aula, tanto dos alunos como dos professores do 1º CEB.

No caso dos docentes deve-se ainda aplicar, à posteriori, um questionário para que se possa aprofundar melhor a interação pretendida entre o professor e os seus alunos.

Esta técnica de recolha de informação é bastante utilizada por investigadores e porque traduz as opiniões das pessoas interrogadas mantendo o seu anonimato. Segundo Matalon e Ghiglione (1997:115) os questionários permitem: *“(...) que o sujeito responda utilizando o seu próprio vocabulário, expresse a sua opinião, forneça pormenores e engendre comentários úteis, para a compreensão dos conceitos, das atitudes, dos valores que se manifestam.”*

O questionário deve ser entregue aos professores pessoalmente ou na eventualidade não ser possível entregar em mãos, enviar por correio, e respondido sem a presença do entrevistador. Posteriormente o questionário será entregue ao entrevistador a fim de este realizar a análise dos dados obtidos. Apresento um possível questionário em anexo (Anexo 5 - Questionário para aplicar aos professores).

Análise dos dados: Neste caso fiz uma previsão de resultados, devido à não aplicação prática do estudo. Deste modo, os resultados esperados para este trabalho de investigação seriam os seguintes:

- A maioria dos docentes questionados estarem cientes de que a existência de afeto é um valor essencial na relação professor-aluno, para que todo o processo de ensino e aprendizagem se desenvolva de uma maneira produtiva, isto é satisfatória.

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

- Os docentes quererem o melhor para os seus alunos, logo que estes progridam de uma forma completa e integrada para que haja um desenvolvimento em todas as dimensões (cognitiva, afetiva, social, entre outras).
- Os alunos manifestarem afeto e respeito pelo docente e quererem realizar um processo de ensino e aprendizagem baseado numa afetividade mútua para o cumprimento e satisfação dos resultados.

CONCLUSÃO

Durante a produção deste relatório final de estágio, continuei a aprofundar os meus conhecimentos sobre o 1º CEB (primeiro ciclo do ensino básico) e sobre a área da educação.

Deste modo, no primeiro capítulo, estruturei as caracterizações de modo diferente do que está no dossier de estágio, clarificando com a apresentação de alguns gráficos e tabelas.

No segundo capítulo tive a oportunidade de aprofundar os meus conhecimentos em termos da legislação em vigor e também de explicar como elaborei, realizei e concluí o meu estágio. A prática pedagógica é uma etapa do mestrado bastante necessária, pois é através da experiência diária com uma turma real que se aprende. E sempre que se comete um erro temos ao nosso lado um professor supervisor e um professor cooperante cuja principal função é orientar/encaminhar o estagiário a melhorar as suas capacidades, através da reflexão. *“A reflexão a partir das situações práticas reais é a vida possível para um profissional se sentir capaz de enfrentar as situações sempre novas e diferentes com que se vai deparando na vida real e que o ajuda a tomar decisões cada vez mais ajustadas, porque mais consciencializadas.”* (Escola Reflexiva e supervisão: uma escola em desenvolvimento e aprendizagem, 2000:90)

Para mim, a realização deste estágio foi uma mais-valia e um reaprender a lecionar, pois como já referi no dossier de estágio, o primeiro ciclo do ensino básico é uma realidade distinta do jardim de infância, embora apresente ainda algumas coincidências, como a caso da preocupação em conhecer o aluno e o porquê de certos comportamentos ou atitudes. Neste sentido surgiu o meu tema de investigação. Ao observar que os alunos da turma onde decorreu o meu estágio mantinham uma excelente relação com a docente, fez-me pensar que no jardim de infância a afetividade é construída diariamente com o aluno,

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

mas no 1º CEB também é /deve ser praticada, embora necessariamente com limites, pois o ser afetuoso com os alunos não implica retirar a autoridade do docente.

Por fim, no terceiro capítulo redigi um artigo sobre um tema que me parece atual e bastante pertinente na prática letiva de hoje em dia. Com este trabalho pude constatar que é fundamental o docente conhecer todo o processo de desenvolvimento da criança e desenvolver a afetividade na relação professor-aluno, para que o processo de ensino e aprendizagem se desenvolva satisfatoriamente. Deste modo, pode dizer-se que o processo de ensino e aprendizagem é condicionado pela afetividade, mas a motivação que o professor incute no aluno não é de somenos importância, pois é ela que permite a aprendizagem. O desenvolvimento humano é um processo ininterrupto em que a afetividade tem um papel indispensável. A interação entre professor-aluno e a afetividade mútua existente, por si só é pouco, pois a motivação também é um elemento fundamental neste processo de ensino e aprendizagem.

O docente deve ser conhecedor do processo de desenvolvimento psicológico da criança e da singularidade de cada uma, uma vez que a individualidade de criança se repercute na sua aprendizagem. A relação professor-aluno enriquece não só as crianças, mas também o docente que transmite e adquire conhecimentos, ao mesmo tempo que transfere experiências vividas que serão essenciais para a vida dos alunos em sociedade.

“ [...] o professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca”. (Freire, 1996:96) Deste modo, qualquer professor deseja ficar na memória dos seus alunos por bons motivos e não por maus, reforçando a conjectura de que ser afetuoso para os alunos se traduz

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

num desenvolvimento melhor e mais completo da criança e o seu processo de ensino e aprendizagem é mais satisfatório.

A interação social entre professor e aluno traduz-se numa melhoria do ambiente escolar, conduzindo o processo de ensino a um nível satisfatório de aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA

Abreu, M., Masetto, M. (1990). *O professor universitário em aula*. São Paulo: MG Editores Associados.

Alarcão, I. e outros (1996). *Formação reflexiva de professores estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora

Alarcão, I. e outros (2000). *Escola reflexiva e supervisão: uma escola em desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora

Ausubel, D.P., Novak, J.D. e Hanesian, H. (1980). *Psicologia educacional*. Rio de Janeiro: Interamericana.

Bastos, F. (1974). *A Epistemologia Genética e a Pesquisa Psicológica*. Rio de Janeiro: Artenova.

Chalita, G. (2003). *Pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações*. São Paulo: Editora Gente.

Currículo Nacional do Ensino Básico (2001) Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.

Cury, A. (2004). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. Lisboa: Editora Pergaminho.

Cury, A. (2006). *Filhos Brilhantes, Alunos Fascinantes*. Lisboa: Editora Pergaminho.

Dantas, P. (1983). *Para conhecer Wallon, uma psicologia dialética*. São Paulo: Brasiliense.

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

Decreto-Lei n.º 240 (2001) de 30 de agosto de 2001. *Diário da República n.º201- I Série – A*. Lisboa: Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 15 (2007) de 19 de janeiro de 2007. *Diário da República, 1.a série-n.º 14*. Lisboa: Ministério da Educação.

Dicionário da Língua Portuguesa (2009). Porto Editora: Porto.

Fernandéz, A. (1991). *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Freire, A. M. (2001). *Concepções Orientadoras do Processo de Aprendizagem do Ensino nos Estágios Pedagógicos*. Seminário: Modelos e Práticas de Formação Inicial de Professores. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Lisboa

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Galvão, I. (2003). *Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon*. São Paulo: Summus.

LBSE (2005). Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei n.º 49/05 de 30 de agosto. *Diário da República n.º166/05- I Série – A*. Lisboa: Ministério da Educação.

Lortie, D. C. (1975). *School teacher. A sociological study*. Chicago, IL: The University of Chicago Press.

Oliveira, C. (2003). *O papel do professor no processo de estimulação e manutenção do interesse do aluno pela escola*. Monografia de Graduação. Curso de Psicologia, Universidade Católica de Brasília, Brasília.

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

Organização Curricular e Programas 1ºCiclo do Ensino Básico (2004) 4ªEdição.
Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.

Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997). Lisboa:
Ministério da Educação.

Matalon, B. e Ghiglione, R. (1997). *O Inquérito – Teoria e Prática.* Oeiras: Celta Editora.

Monteiro, M.; Pereira, N. (2003). *Acesso ao ensino superior 2004 Psicologia.*
Porto: Porto Editora.

Polity, E. (1988). *Ensinando a ensinar.* São Paulo: Lemos.

Rangel, A. (1992). *Educação matemática e a construção do número pela criança: Uma experiência em diferentes contextos sócios – económicos.* Porto Alegre: Artes Médicas.

Seber, M. (1997). *Piaget: O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio. Col. Pensamento e ação no magistério.* São Paulo: Scipione.

Vieira, F. (1993) *Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores.*
Rio Tinto: Edições Asa.

Vosniadou, S., & Brewer, W. (1987). *Theories of knowledge restructuring in development.* Review of Educational Research.

Vygotsky, L. S. (1994). *A formação Social da Mente.* São Paulo: Martins Fontes.

Wallon, H. (1968). *A evolução psicológica da criança.* Lisboa: Edições 70.

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

Wallon, H (1971). *As Origens do Carácter na Criança*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

Wallon, H (1978). *Do acto ao pensamento*. Lisboa: Moraes Editores.

WEBGRAFIA

Raposo, S. (2004) *Como fazer a auto-Avaliação das escolas?*

Acedido em 13 de junho de 2011, em <http://pt.scribd.com/doc/39530752/Como-fazer-a-auto-avaliacao-de-escolas>

ANEXOS

Anexo 1 – Decreto-Lei nº 15/2007, de 19 de janeiro

DECRETO-LEI nº 15/2007, de 19 de janeiro

Capítulo I – Disposições gerais

Artigo 35º - Conteúdo funcional

(...)

3- São funções do pessoal docente em geral:

(...)

- b) Planear, organizar e preparar as atividades letivas dirigidas à turma ou grupo de alunos nas áreas disciplinares ou matérias que lhe sejam distribuídas;
- c) Conceber, aplicar, corrigir e classificar os instrumentos de avaliação das aprendizagens e participar no serviço de exames e reuniões de avaliação;
- d) Elaborar recursos e materiais didático-pedagógicos e participar na respetiva avaliação;

(...)

Anexo 2 – Decreto-Lei nº 43/2007, de 22 de fevereiro

DECRETO-LEI nº 43/2007, de 22 de fevereiro

Capítulo II - Habilitação profissional para a docência

Artigo 7º - Objetivos da formação

Os ciclos de estudos organizados nos termos e para os efeitos previstos no presente decreto-lei asseguram a prossecução das aprendizagens exigidas pelo desempenho docente e pelo desenvolvimento profissional ao longo da carreira, tendo em consideração, nomeadamente:

- a) Os perfis geral e específicos de desempenho profissional;
- b) As orientações ou planos curriculares da educação básica ou do ensino secundário, conforme os casos;
- c) As orientações de política educativa nacional;
- d) As condições socioeconómicas e as mudanças emergentes na sociedade, na escola e no papel do professor, a evolução científica e tecnológica e os contributos relevantes da investigação educacional.

Anexo 3 – Lei de Bases do Sistema Educativo, artigo 11º

LEI DE BASES DO SISTEMA EDUCATIVO

Lei nº 49/2005, de 30 de agosto

Capítulo II - Organização do sistema educativo

Secção II - Educação escolar

Subsecção III - Ensino superior

Artigo 11º - Âmbito e objetivos

(...)

2 - São objetivos do ensino superior:

(...)

e) Suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração, na lógica de educação ao longo da vida e de investimento geracional e intergeracional, visando realizar a unidade do processo formativo;

(...)

4 - O ensino politécnico, orientado por uma constante perspetiva de investigação aplicada e de desenvolvimento, dirigido à compreensão e solução de problemas concretos, visa proporcionar uma sólida formação cultural e técnica de nível superior, desenvolver a capacidade de inovação e de análise crítica e ministrar conhecimentos científicos de índole teórica e prática e as suas aplicações com vista ao exercício de atividades profissionais.

Anexo 4 – Lei de Bases do Sistema Educativo, artigo 33º

LEI DE BASES DO SISTEMA EDUCATIVO

Lei nº 49/2005, de 30 de agosto

Capítulo IV - Recursos humanos

Artigo 33º - Princípios gerais sobre a formação de educadores e professores

1 - A formação de educadores e professores assenta nos seguintes princípios:

- a)** Formação inicial de nível superior, proporcionando aos educadores e professores de todos os níveis de educação e ensino a informação, os métodos e as técnicas científicas e pedagógicas de base, bem como a formação pessoal e social adequadas ao exercício da função;
- b)** Formação contínua que complemente e atualize a formação inicial numa perspetiva de educação permanente;
- c)** Formação flexível que permita a reconversão e mobilidade dos educadores e professores dos diferentes níveis de educação e ensino, nomeadamente o necessário complemento de formação profissional;
- d)** Formação integrada quer no plano da preparação científico-pedagógica quer no da articulação teórico-prática;
- e)** Formação assente em práticas metodológicas afins das que o educador e o professor vierem a utilizar na prática pedagógica;
- f)** Formação que, em referência à realidade social, estimule uma atitude simultaneamente crítica e atuante;
- g)** Formação que favoreça e estimule a inovação e a investigação, nomeadamente em relação com a atividade educativa;
- h)** Formação participada que conduza a uma prática reflexiva e continuada de autoinformação e autoaprendizagem.

2 - A orientação e as atividades pedagógicas na educação pré-escolar são asseguradas por educadores de infância, sendo a docência em todos os níveis e ciclos de ensino assegurada por professores detentores de diploma que certifique a formação profissional específica com que se encontram devidamente habilitados para o efeito.

Anexo 5 - Questionário para aplicar aos professores do 1ºCEB

Questionário elaborado para desenvolver um artigo científico intitulado: “A influência da relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem” que tem por objetivo demonstrar como é que os fatores afetivos se manifestam na relação professor-aluno e a sua influência no processo de ensino e aprendizagem.

1) Identificação do entrevistado

Data de nascimento: ___/___/_____	Habilitações literárias:
Área que leciona:	Ciclo em que leciona:
Tempo de docência:	

2) Questões:

2.1. O que considera uma relação de afetividade entre professor-aluno?

2.2. Considera importante a existência de relações educativas baseadas na afetividade?

2.3. É relevante para o processo de ensino e aprendizagem que o professor conheça os seus alunos pelo nome?

2.3.1. Sabe os nomes de todos os seus alunos?

2.4. Como lida com alunos que faltam às aulas? (Os motivos apresentados para justificar a ausência são importantes?)

2.5. Cede aos seus alunos o seu e-mail, morada e telefone/telemóvel?

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

2.6. Considera importantes os contatos com os seus alunos? Em que sentido?
Com que frequência os realiza?

2.7. Como leciona as suas aulas, considerando o total de 100%:

- a. Expositivas e sem auxílio de recursos audiovisuais / outros materiais;
- b. Expositivas e com auxílio de recursos audiovisuais / outros materiais;
- c. Atividades práticas sobre o conteúdo da disciplina em sala de aula / recinto exterior;
- d. Atividades fora da sala de aula com a presença do professor;
- e. Atividades fora da sala de aula sem a presença do professor;

2.8. De que maneira avalia os seus alunos?

- a. Individualmente
- b. Em grupo

2.8.1. Como avalia um aluno em grupo?

2.9. O que faz habitualmente para conceder um ambiente favorável/satisfatório em sala de aula?

2.10. Considera importante o silêncio em sala de aula?

2.11. Que estratégias costuma adotar quando percebe que há alunos desatentos na sala de aula?

2.12. Permite que os alunos fiquem na sala de aula quando não estão a fazer atividades relacionadas com o conteúdo da aula?

2.13. Como lida com o absentismo?

(Questionário adaptado de Daniela Tereza Santos Serra)